

tringir o âmbito do objeto odiado. E' justamente nesse movimento que o outro se torna "objeto". No clima do ódio existe num mundo constituído de objetos, cujos lugares procuro determinar sempre mais rigorosamente. Um determinado objeto está em determinado lugar e não pode estar em outro. E' prisioneiro desse lugar, no qual o meu ódio o determinou para diminuí-lo e poder oprimi-lo. Um mundo constituído de objetos aprisionados e oprimidos pelo ódio é um mundo logicamente cognoscível. A lógica é, com efeito, o método do ódio na sua tentativa de oprimir, e, em última análise, aniquilar o odiado: neste caso, o mundo. O mundo dos objetos pode ser manipulado para ser aniquilado. Ao transformar os objetos em instrumentos, aniquilo com efeito progressivamente o mundo odiado, porque imprimo sobre ele a minha marca e o torno mera sombra de mim mesmo, isto é, "humanismo o mundo". A manipulação dos objetos é consequência do conhecimento, sendo portanto o segundo movimento do ódio ao mundo. O mundo atual da tecnologia é o último estágio desse segundo movimento. Ao transformar o mundo em conjunto de objetos transformo-me em sujeito que transcende o mundo. O ódio cria portanto um projeto existencial no qual o sujeito se lança contra o objeto para aniquilá-lo. Este projeto se chama: "historia do Ocidente".

O clima do amor estabelece outros tipos de mundo. Esses mundos não consistem de objetos, mas de presenças. O outro amado está presente em tudo, e tudo evoca o ser amado. Como a mulher amada está no lenço, na flor, na brisa, no sol, assim está tudo em tudo no mundo que amo. Cada coisa revela todos os aspectos do mundo amado ("Weltaspekte"), e todo aspecto é uma presença divina, um deus. O mar está em todas as coisas, e não somente naquele objeto "mar" ao qual o ódio quer restringi-lo. Todas as coisas evocam o mar, porque todas revelam um aspecto do mundo chamado "Poseidon" pelos antigos. Reconheço o mar em tudo, porque tudo é símbolo de Poseidon sob este aspecto. Um mundo constituído assim não pode ser conhecido no nosso significado do tempo, porque o pensamento lógico não se aplica a ele. O pensamento simbólico que se desenvolve nesse clima não admite a divisão entre sujeito e objeto, entre conhecedor e conhecido. O homem está integrado no mundo, e, já que não o transcende, não pode conhecê-lo. Pode apenas reconhecer-se nele.

O ódio ao mundo que fundamenta a historia do Ocidente é resultado do mito da transcendência. Esse mito, que nos vêm da Bíblia e dos mistérios órficos, desvenda o aspecto ("Weltaspekt") odioso do mundo. A revelação judeu-cristã revela o mundo como antivalor, como o "sacrificável". O reino do Deus não é deste mundo, e a meta do empenho humano é ultrapassar o mundo. Em consequência "temos" corpo e alma. O corpo é tudo, aquilo que rejeitamos e odiamos. A alma é o "salvável". A historia do Ocidente é a realização progressiva desse mito. Atualmente, está se aproximando de sua realização derradeira. A "humanização" total do mundo será o conhecimento total e portanto a aniquilação dos corpos. Tudo será alma. A sociedade perfeita será pura contemplação dos instrumentos automáticos, será portanto o céu. Tendido esgotado o mito da transcendência, terá sido alcançada aquela perfeição que acabará com o projeto do Ocidente. A revelação do aspecto odioso do

historicidade. E' um projeto linear e acabará quando tiver profanizado inteiramente o mundo odioso. Quando tiver eliminado o último vestígio dos deuses.

O mito do progresso faz com que vivamos sempre para o instante seguinte. Nenhuma das nossas ações é significativa em si e por si, já que visa o futuro. Existimos num mundo de andaimes. Dada essa nossa loucura não vivemos, "stricto o sensu", já que todo instante visa o proximo e nenhum tem significado. Somos seres alienados, pois que estamos em oposição ao mundo e em oposição ao instante. Mas essa nossa loucura é inevitável, visto que fomos lançados para cá pelo projeto do progresso, isto é, pelo mito do odio que revela o aspecto profano do mundo. Em outras palavras: é inevitável que sejamos cristãos lançados como sujeitos no mundo objetivo. E' inevitável, a não ser que modifiquemos radicalmente o nosso conceito do homem. Para tanto a contemplação de outros tipos de existências e outros tipos do mundo pode ser proveitosa. Por exemplo, daquelas existências e daqueles mundos que os mitos gregos estabeleceram. São mundos do amor, marcados pelo ritmo da circularidade do rito. Nesses mundos a atividade humana é ritual, é participação das festas sempre recorrentes que festejam os aspectos sacros do mundo. O A. no entanto não nos diz como podemos dar esse salto do tempo linear para o circular, do profano para o sacro, do pensamento logico para o simbólico, do afastamento para a proximidade dos deuses. No fundo, não cre, ele proprio, nessa possibilidade. E' pessimista. A perfeição se aproxima inexoravelmente. O que podemos fazer é apenas esboçar o gesto da revolta.

Mas o gesto é tudo. Creio, no entanto, que a análise do gesto (a meu ver a meta da filosofia do A.) aparecerá no segundo volume da sua obra. E' obvio que o gesto é um problema ligado intimamente ao da linguagem. De proposito suprimi todos os argumentos contidos no presente volume que têm a lingua por tema. Não devemos esquecer que a primeira preocupação do A. era logica neo-positivista, relacionando-se com a análise da lingua. Essa primeira tendencia pervade, subterraneamente, todo o seu pensamento e procura, em sua ultima fase, rearticular-se. Toda a sua filosofia é uma filosofia do gesto "in statu nascendi". Já que o destino não permitiu que se realizasse, calo-me a respeito. Calo-me ainda, porque creio que tive certa influencia sobre esse desenvolvimento.

O esboço que dei é resumido e neste sentido falsifica o pensamento, já que elimina, e, eliminando, distorce. Mas deve ficar obvio ao leitor que se trata de pensamento poderoso e perigoso. Falarei primeiro do seu perigo. E' perigoso em primeiro lugar, porque despreza o intelecto no sentido ocidental do termo, e é duplamente perigoso, porque o faz com um intelecto extremamente agudo. E' o diabo, no "Fausto", que aconselha: "Verachte nur Vernunft und Wissenschaft, des Menschen allerhoehste Kraft" (despreze razão e ciencia, a suprema força humana). Em segundo lugar, por que todo pessimismo desesperado é perigoso, já que tende a paralisar ação e pensamento. Em terceiro lugar, porque alguns dos argumentos apresentados se prestam a uma interpretação filofascista por espiritos politicamente ingenuos, e é preciso confessar que o proprio A. era ingenuo neste sentido. Não digo que um fascista possa jamais assimilar o pensamento do A., já que fascismo pressupõe ou falta de inteligencia ou má fé patente. Mas digo que alguns aspectos do pensamento do A. nasceram do mesmo humus do qual brotou o



## FILOSOFIA

Vicente Ferreira da Silva, OBRAS COMPLETAS, Vol. I., Instituto Brasileiro de Filosofia, 1964.

A obra de VFS é constituída de uns poucos livros, de ensaios publicados em revistas e jornais, e de notas não publicadas. O Instituto Brasileiro de Filosofia pretende reunir esse material e publicá-lo em dois volumes. O primeiro volume acaba de sair e inclui: (1) Ensaos Filosóficos (publicados em 1948 pela IPE), (2) Exegese da ação (publicada em 1949 pela Livraria Martins Editora), (3) Dialética das consciências (publicada em 1950 pelo autor), (4) Idéias para um novo conceito do homem (publicada em 1951 pela Revista Brasileira de Filosofia), (5), Teologia e Antihumanismo (publicada em 1953 pelo autor), e (6) Filosofia da mitologia e da religião (ensaio publicado em varias revistas). O livro obedece á ordem cronológica, e apresenta-se portanto caótico quanto á sua temática e mesmo quanto ás linhas mestras do seu objeto. Representa uma fase do pensamento do A., um fragmento de uma obra que é fragmentaria em sua totalidade.

## FILOSOFIA

Vicente Ferreira da Silva, **OBRAS COMPLETAS**, Vol. I., Instituto Brasileiro de Filosofia, 1964.

A obra de VFS é constituída de uns poucos livros, de ensaios publicados em revistas e jornais, e de notas não publicadas. O Instituto Brasileiro de Filosofia pretende reunir esse material e publicá-lo em dois volumes. O primeiro volume acaba de sair e inclui: (1) Ensaio Filosófico (publicados em 1948 pela IPE), (2) Exegese da ação (publicada em 1949 pela Livraria Martins Editora), (3) Dialética das consciências (publicada em 1950 pelo autor), (4) Ideias para um novo conceito do homem (publicada em 1951 pela Revista Brasileira de Filosofia), (5), Teologia e Antihumanismo (publicada em 1953 pelo autor), e (6) Filosofia da mitologia e da religião (ensayo publicado em varias revistas). O livro obedece á ordem cronológica e apresenta-se portanto caótico quanto á sua temática e mesmo quanto ás linhas mestras do seu objeto. Representa uma fase do pensamento do A., um fragmento de uma obra que é fragmentaria em sua totalidade.

Exige do leitor um esforço de integração e de sistematização, já que a morte não permitiu que o A. o fizesse.

Nas uma leitura, mesmo superficial, do volume ora apresentado convence imediatamente e de maneira violenta que estamos em contato com um pensamento de extrema originalidade e profundidade; e que esse esforço, embora penoso, precisa ser feito. A tarefa é dificultada por duas peculiaridades: o ardor do pensamento seduz o leitor e o arrasta consigo; e o estilo alterna entre passagens de inspiração poética e outras de um artificialismo exasperante. As considerações seguintes são resultado desse esforço de integração e sistematização: são portanto parciais e representam um unico aspecto visto de um unico ponto de vista.

A melhor via de acesso para um pensamento filosófico parece-me ser a consideração da sua teoria de conhecimento. O A. fundamenta a sua teoria de conhecimento na análise do amor e do ódio. O amor é o clima do reconhecimento, o ódio é o clima do conhecimento no sentido que a tradição ocidental dá ao termo "conhecimento". O amor é o clima no qual admito o crescimento e o poder do outro que amo. O ódio é o clima no qual procuro sufocar o outro que odeio. O primeiro movimento do ódio é res-

etc. O pensamento simbólico que se desenvolve nesse clima não admite a divisão entre sujeito e objeto, entre conhecedor e conhecido. O homem está integrado no mundo, e, já que não o transcende, não pode conhecê-lo. Pode apenas reconhecer-se nele.

O ódio ao mundo que fundamenta a historia do Ocidente é resultado do mito da transcendência. Esse mito, que nos vêm da Bíblia e dos mistérios órficos, desvenda o aspecto ("Weltaspekt") odioso do mundo. A revelação judeu-cristã revela o mundo como antivalor, como "sacrificável". O reino do Deus não é deste mundo, e a meta do empenho humano é ultrapassar o mundo. Em consequência "temos" corpo e alma. O corpo é tudo aquilo que rejeitamos e odiamos. A alma é o "salvável". A historia do Ocidente é a realização progressiva desse mito. Atualmente está se aproximando de sua realização derradeira. A "humanização" total do mundo será o conhecimento total e portanto a aniquilação dos corpos. Tudo será alma. A sociedade perfeita será pura contemplação dos instrumentos automaticos, será portanto o céu. Tendo sido esgotado o mito da transcendência, terá sido alcançada aquela perfeição que acabará com o projeto do Ocidente.

A revelação do aspecto odioso do mundo pelos mitos cristãos é uma revelação negativa. O ódio fez com que os deuses se retirassem do mundo. Com o cristianismo começou uma "baixa" dos deuses, que retiraram a sua presença do mundo. Águas que baixam revelam o fundo lamacento do lago. Os deuses em retirada revelaram o fundo lamacento, material do mundo. O mundo esvaziado dá presença dos deuses, esvaziado portanto de sacralidade, revelou o seu aspecto odioso de profanidade. Esta é a revelação bíblica que o Ocidente realiza progressivamente. Desta maneira a propria retirada dos deuses constitui uma proximidade divina (Gottesnaehé), embora uma proximidade negativa. Porque também a Bíblia revela um aspecto do mundo, embora um aspecto negativo. Neste sentido também a Bíblia atesta a proximidade de um deus. Também a Bíblia é um mito autentico, e estabelece um mundo como mito. Mas sendo esse mito o da transcendência, estabelece o mundo objetivo a ser aniquilado pelo sujeito. Neste sentido tem razão Nietzsche quando fala em "nihilismo do Ocidente". O mito da transcendência pode ser chamado também de "mito do progresso", já que o progresso é o metodo do odio ao mundo. E' por isto que apenas o Ocidente, realização do mito do progresso que é, têm a vivencia da

mesma, porque cego que vive sob a influencia sobre esse desenvolvimento.

O esboço que dei é resumido e neste sentido falsifica o pensamento, já que elimina, e eliminando, distorce. Mas deve ficar obvio ao leitor que se trata de pensamento poderoso e perigoso. Falarei primeiro do seu perigo. E' perigoso em primeiro lugar, porque despreza o intelecto no sentido ocidental do termo, e é duplamente perigoso, porque o faz com um intelecto extremamente agudo. E' o diabo, no "Fausto", que aconselha: "Verachte nur Vernunft und Wissenschaft, des Menschen allerhoehste Kraft" (despreze razão e ciencia, a suprema força humana). Em segundo lugar, por que todo pessimismo desesperado é perigoso, já que tende a paralisar ação e pensamento. Em terceiro lugar, porque alguns dos argumentos apresentados se prestam a uma interpretação filofascista por espíritos politicamente ingenuos, e é preciso confessar que o proprio A. era ingenuo neste sentido. Não digo que um fascista possa jamais assimilar o pensamento do A., já que fascismo pressupõe ou falta de inteligencia ou má fé patente. Mas digo que alguns aspectos do pensamento do A. nasceram do mesmo humus do qual protou o nazismo, a saber o romantismo, com todas as suas consequencias nefastas. Estes três perigos contribuíram para o isolamento do A. em vida. Credo que se os seus carados e eliminados da nossa mente, depois de refutados, para podermos entrar em conversação produtiva com esta obra.

Não cabe, numa resenha, levar avante esta conversação. Basta dizer que se trata, a meu ver, da maior contribuição brasileira para a discussão filosofica do Ocidente. E' verdade que não tenho suficiente distancia da obra para poder julgá-la. Mas quanto mais me afastado dela, tanto mais parece crescer em importancia e beleza. Os seus defeitos, como aqueles três perigos que mencionel, ou como o estilo e as palavras difíceis, ou como a aparente confusão de temas, empalidecem com o tempo, e suas virtudes, como as profundas e penetrantes visões da nossa situação, ou como sua intima vibração com o misterio do mundo que nos envolve, ou como a sua força de tornar palpáveis as raizes mesmas do nosso pensamento, resplandecem com o tempo. O A. nos lança um desafio. Podemos (a meu ver: devemos) discordar dele. Mas devemos igualmente aproveitar esse presente dos "deuses" ao nosso pensamento que é a obra de Vicente Ferreira da Silva. V.F.